

Análise histórica dos jornais de Ponta Grossa de 1893 a 1945

Historical Analysis of the Newspapers in Ponta Grossa from 1893 to 1945

Felipe Simão Pontes*
Sérgio Luiz Gadini*

* Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Resumo

O texto apresenta alguns apontamentos sobre os principais meios de comunicação impressos existentes na cidade de Ponta Grossa (PR) no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, especialmente o jornal *Diário dos Campos*. O referido estudo traz aspectos históricos que levam em consideração a linha editorial, forma de composição textual, marcas discursivas, gêneros predominantes, periodicidade, público-alvo, alcance e influência social dos respectivos periódicos. O texto apresenta ainda algumas características em torno dos modos como a imprensa participava da vida social, política e cultural da região possibilitando compreender a visão de progresso dos jornalistas, a função de normalizar e educar atribuído à imprensa e, principalmente, as articulações políticas de combate à ociosidade, à mendicância e à prostituição que tomavam materialidade em textos dos jornais da cidade.

Palavras-chave: História do jornalismo. História da imprensa paranaense. Mídia impressa em Ponta Grossa (PR).

Abstract

The text presents an account of the main printed media in Ponta Grossa (Paraná) from the end of the 19th century to the first decades of the 20th century, especially 'Diário dos Campos' newspaper. This study brings historical aspects that take into consideration the publishing policy, discourse markers, predominant elements, regularity, target public, reach and social influence of the newspapers. The text also presents some characteristics of the ways in which the press participated in the cultural, political and social life of the region, making it possible to understand the vision of progress held by the journalists, the function of restoring normality and educating assigned to the press and, mainly, the political maneuvers to fight against idleness, begging and prostitution, which were common subjects of the printing-press in the city.

Key words: Journalism History. History of the Press in Paraná. Printed Media in Ponta Grossa (PR).

1 Introdução

Com a emergência de uma nova ordem social representada pela industrialização do século XIX, o espaço público se configura sob a forma da urbanização. Surgem então aglomerados populacionais que desenvolvem um novo tipo de homem, apto às transformações culturais que esse espaço adquire, transformando suas ações, estabelecendo novas formas de relação e recriando uma dinâmica social que podemos definir como modernidade.

O fenômeno da urbanização gera um processo de aproximação das pessoas, com a formação de idéias e princípios coletivos que dão um novo ritmo à produção intelectual. Pessoas e grupos faziam circular suas idéias e projetos políticos a partir de folhetos e, posteriormente, jornais.

Segundo Gadini (2003), a produção jornalística no Brasil advinha de um contexto escravocrata, no qual 95% da população brasileira eram de analfabetos e no qual os discursos políticos ficavam restritos a grupos da elite, em sua maioria grandes proprietários de terra, a uma

pequena parcela dos trabalhadores (especialmente os funcionários públicos), que necessitavam do conhecimento da língua para exercer suas funções e a setores ligados à igreja.

Por tanto, ser alfabetizado era um sinal de poder. De poder produzir um conhecimento, de estabelecer julgamentos e, assim, integrar uma cultura letrada e hegemônica. O jornalismo era voltado para questões que diziam respeito aos rumos do país, decididos por aqueles que sabiam ler e escrever.

O jornal era um campo de disputas ao qual só tinha acesso quem gozava de certo prestígio social ou que colocava suas idéias de desenvolvimento na manutenção do poderio das camadas oligarcas. O jornal, até o início das primeiras décadas do século XX, era basicamente político, constituindo-se em palco de disputas para as concepções e projetos defendidos pelos grupos dominantes.

No fim do século XIX e início do século XX, porém, o jornalismo começa a receber maior influência da classe intermediária, constituída especialmente de pequenos comerciantes e profissionais liberais, que passaram a

usar o jornalismo como foros da civilização, da ordem e da construção de uma nação. Essa ascensão de comerciantes e indústrias e o advento da República fazem com que as disputas políticas dividam espaço com novos tipos de disputas: do povo civilizado contra os delinquentes, do progresso contra a pobreza, do desejo pelo futuro contra o presente, do trabalho contra a ociosidade.

Localizada no Sul do Estado do Paraná, Região dos Campos Gerais, Ponta Grossa se urbanizou rapidamente entre a última década do século XIX e início do século XX. A cidade procurava se impor como civilizada, urbanizada e que aspirava ao progresso e ao crescimento. Os jornais que surgem nesse período combatiam tudo que atrapalhasse tal desenvolvimento. Ao mesmo tempo, vangloriavam o desenvolvimento, participando ativamente da construção do imaginário coletivo.

2 Principais Objetivos e Referências Conceituais

Tomando como base algumas discussões de Burke (1992), pode-se afirmar que o jornalismo é caminho privilegiado da história. A partir das análises de jornais, o pesquisador não está mais só fazendo história, mas jornalismo também. Ao analisar os jornais, percebe-se como a sociedade era retratada e como ela se reconstruía nas páginas de cada veículo. A imagem que se tem de uma sociedade está ali, alicerçada sob o ponto de vista do jornalista que, no retrato cotidiano das transformações, capta pequenos movimentos, numa relação direta de forças, que ora se sobrepõem, ora se retraem, criando uma espécie de mapa sobre a vida social que reporta.

O registro dessas transformações, as manifestações cotidianas, as novas correlações de forças são trabalhadas diariamente, dando um ritmo lento e detalhado. Miguel Morey, que prefacia a obra de Marocco (2004, p. 9), observa que

O jornalismo nasce da vontade de realizar-se com essa crônica do dia-a-dia de todo o memorável, persegue, desde o primeiro dia, o seu monopólio e, desde o primeiro dia, defende o seu próprio protagonismo, convencido, de que fora do jornalismo não há lugar para a história. E se é certo que hoje, encontramos passo a passo com a crônica da constituição do homem moderno em todas as suas dimensões, é igualmente certo que assistimos à manifestação deste protagonismo aos quatro ventos.

Não se busca somente uma história do jornalismo, mas um 'jornalismo da história', o tratamento dado pelos jornais a fatos que posteriormente se redimensionaram como parte da história na vida social. O jornalismo, a partir do momento que se consolida como espaço de produção simbólica, torna-se um construtor de histórias cotidianas, da história do dia-a-dia. Assim, o jornal não se resume a um eventual registro (construtor) temporal da história, mas legitima-se como construtor de uma realidade histórica, na qual o indivíduo extrai suas impressões sobre a vida social que o cerca.

Daí verifica-se a importância do jornalismo para compreender o passado de Ponta Grossa. E mais, todo o movimento de constituição do jornalismo, suas dificuldades e proezas contadas pelo fazer diário, por pessoas que presenciaram essas transformações, por pesquisadores que já se debruçaram sobre arquivos para ver no passado o reconhecimento do presente.

No curso do conhecimento do passado subitamente se produz algo como uma interrupção, isso que olhamos se torna opaco como um espelho e nos vemos a nós mesmos, assinalados por estes homens do passado como o que somos, como o futuro que os aguardava. Reconhecimento del ahora, chamava W. Benjamin a esse transe cognoscitivo, entendendo-o como uma manifestação que iluminava a história, que dizia exatamente o peso do presente. (MAROCCO, 2004, p. 11).

O estudo dos jornais do início do século leva a um passeio por uma Ponta Grossa que se consolida como espaço urbano, com seus prédios, suas ruas e praças, seus políticos, seus pobres, suas mulheres, seus negros, seu comércio. Um olhar voltado para a Ponta Grossa de ontem, buscando luz aos costumes de hoje.

3 Metodologia

Com base nas concepções de Foucault (2004) e suas adaptações ao estudo do jornalismo feitas por Marocco (2004), reconhece-se, no jornal e no olhar que o pesquisador dirige sobre ele, uma cartografia que transpassa o universo de análise, constituindo um aporte capaz de localizar precipitações históricas e sociais de uma época. Essas "precipitações" que tomam forma nos jornais implicam uma série de variáveis capazes de fornecer pistas sobre sua relação no passado e suas conseqüências no presente.

O pesquisador, enquanto jornalista, imprime uma visão sobre o passado. Um mapeamento que constitui o aporte metodológico de seleção e de direcionamento do olhar. Esse momento já é uma construção da realidade. De onde parte esse olhar, do como o pesquisador verá o passado no choque com o seu presente individual e com o contexto histórico no qual ele está inserido. A esse momento, pode-se destacar a escolha do referencial teórico, as leituras realizadas, a bibliografia consultada e os textos selecionados.

Ao mesmo tempo, o jornal analisado também imprime um olhar seletivo sobre a sociedade e a época que reporta. Uma espécie de cartografia, em que os indivíduos são localizados, os fatos classificados e as decisões tomadas a partir da linha editorial assumida pelo jornal e pelos jornalistas. Nessa etapa, busca-se captar as opiniões dos editoriais, os textos que trabalhavam questões pertinentes como a saúde pública, a energia elétrica ou o operariado. Ao mesmo tempo, a análise de textos que falavam do próprio jornal, as opiniões de seus redatores e diretores.

Ainda se reconhece o processo de seleção do leitor da época, que participava do jornal sob a forma de cartas e textos livres. Percebe-se, assim, como o leitor é

também um cartógrafo que se identifica com o jornal, seleciona notícias, mapeia assuntos de interesse e possui uma busca individual de se encontrar representado no veículo que consome. Para o presente estudo, foram selecionados textos opinativos assinados, e matérias de reclamação nas quais os jornalistas assumiam o papel de voz do povo.

Para fechar o reconhecimento desse mapa, é imprescindível perceber como os segmentos sociais (religiosos, políticos, comerciais, artísticos) buscavam alicerçar suas posições, ou mais, determinar certos domínios dentro da sociedade a partir do fomento de informações desse segmento para um conhecimento público, no caso, de um jornal. Além disso, verificar como os diversos segmentos da sociedade articulavam-se numa forma constitutiva da informação para se fazer representar no campo jornalístico.

Ao reconhecer essas quatro cartografias, pode-se determinar nas congruências, nas sobreposições e também nos intervalos, nos vazios, nos interstícios, a construção de um universo de análise capaz de contar como o jornalismo foi demarcando seu espaço na sociedade ponta-grossense.

4 Alguns indicadores Resultantes da Pesquisa

Na apresentação de Pilotto (1973) e com as contribuições dos dados levantados por Fernandes (2003, p. 421-461), Holzmann (2004) e Martins (1908), estima-se que existiram aproximadamente 100 veículos de comunicação impressa catalogados em Ponta Grossa até 1945, entre jornais, revistas e folhetins.

Entre essas publicações, havia muitas temáticas abordadas. Jornais que se preocupavam em representar instituições já estabelecidas, tornando-se porta-vozes, seja como uma forma de difundir suas idéias ou como uma legitimação de sua presença e importância na sociedade. Havia jornais literários, humorísticos, religiosos, estudantis, operários, etc.

Segundo Pilotto (1973, p. 1), a história do jornalismo impresso em Ponta Grossa começa com o surgimento do jornal *Campos Geraes*, de João Rocha Bahls, em 13 de maio de 1893. O jornal tinha quatro páginas. Na primeira página lêem-se os dizeres “Homenagem à Confraternização dos Brasileiros: Salve Lei nº 3353 de 13 de Maio de 1888-1893, Trabalho e Honra”. O redator do jornal, Afonso Gama, abolicionista e literato, escreveu no primeiro número:

Tomando por lema o que vimos dizer, trataremos nas colunas deste semanário de todos os assuntos que possam interessar à humanidade ao Paraná e às localidades centrais e que, por serem de grande alcance, hajam de merecer o consenso dos homens de bem. (1893 apud HOLZMANN, 2004, p. 298).

O principal jornal da primeira metade do século XX foi o *Diário dos Campos*, único que se manteve, mesmo com as dificuldades, com circulação ininterrupta em todo o período estudado. O jornal circulou de 1907 até

1912 sob o título de *O Progresso*. Em 1913 passou a se chamar *Diário dos Campos* circulando até 1990. Em 1999 o jornal voltou a ser publicado, o que acontece até hoje. Historicamente, a cidade considera *O Progresso* como o primeiro jornal de Ponta Grossa.

Para compreender porque o jornal foi o único que conseguiu se manter, é preciso perceber como o periódico tomou seu espaço na sociedade de Ponta Grossa e como participava na construção do imaginário coletivo, interferindo em questões da política, economia, cultura, trabalho, religião, nas relações cotidianas, nas mobilizações sociais, na moral e nos “bons costumes”.

A força do *Diário dos Campos* envolvia diretamente as figuras de seus diretores e redatores, que usavam o jornal como tribuna para a difusão de idéias, proposições políticas e uma produção simbólica capaz de inserir tais personagens na galeria de intelectuais e pensadores da época. Entre eles pode-se citar Jacob Holzmann, o fundador e maior incentivador do jornal; Hugo Mendes de Borja Reis, redator e diretor de 1913 a 1921; José Fernandes Cadilhe, teatrólogo, poeta e diretor de 1921 a 1928; José Hoffmann, diretor e redator de 1931 até 1962.

A simplicidade textual encontrada no periódico ao longo de 1907 – sob a forma de notas, tiras rápidas trazendo os serviços de nascimentos e falecimentos, além da divulgação de eventos – permanece durante boa parte da própria existência do jornal. Com o avanço técnico e o crescimento da cidade e da sua imprensa, esses aspectos se potencializaram, se redesenharam, mas não deixaram de caracterizar o jornal.

O periódico era semanal, passando em 1908, para três edições semanais. Em 1913, com a constituição do *Diário dos Campos*, o jornal passa a ser diário, com edição vespertina. Em 1921 o periódico torna-se diário e matutino. Até 1931, o jornal se constituía de quatro páginas, depois passando a ter oito.

A idéia de constituir *O Progresso* partiu de Jacob Holzmann. O jornal, criado em 27 de abril de 1907, permaneceu mais por insistência de seus dirigentes do que por público leitor. O jornal trazia como meta a difusão da cidade de Ponta Grossa como urbanizada, voltada para o desenvolvimento e para o progresso. A justificativa usada por Jacob Holzmann – e reproduzida no livro *Cinco Histórias Convergentes* de Epaminondas Holzmann – é permeada por um discurso desbravador, de necessidade, de estratégia para uma cidade que almejava a “grandeza”.

Como entusiasta e franco-atirador dos propagandistas de Ponta Grossa, por diversas vezes me vi em sérios apuros quando, em viagens, apregoava o progresso e o futuro da cidade onde constituíra família.

Quase sempre no auge da conversação elogiosa, os que não conheciam nossa cidade perguntavam-me:

- Temos indústrias?
- Estão em formação.
- Temos boa viação?
- Temos a melhor do Estado, além de outras que fatalmente virão.

- Temos comércio?
- Em franca prosperidade.
- Quantos jornais há? São diários? (Aqui é que o Jacob embatucava...).
- Não temos jornais nenhum. Já tivemos, mas se acabaram!
- Então não há progresso em sua terra.

Assim, tinha eu de concordar, reconhecendo que numa terra sem imprensa não há, efetivamente, progresso. Eis, caros leitores, o motivo por que sempre auxiliei, na proporção de minhas forças, a fundação de jornais aqui. Para um dia dizer bem alto:

- Ponta Grossa progride. Tem jornais e são diários, ouviram? (HOLZMANN, 2004, p. 263).

Conforme relata Epaminondas Holzmann, filho de Jacob Holzmann e primeiro entregador do jornal, a edição inaugural teve uma tiragem de 500 exemplares. A partir do segundo número fica clara a dificuldade do jornal, que possuía poucos assinantes e um pequeno apoio político e comercial. Holzmann (2004, p. 267) explica que o prelo não prestava, era preciso comprar outro. O tipógrafo não fazia a quarta parte do trabalho e O Progresso também não recebia ajuda da Prefeitura Municipal.

O Progresso, que nasceu num pequeno quarto da antiga residência de Manoel Cirilo Ferreira, na Rua 7, era impresso numa prensa ridícula, das primeiras que surgiram no país e, por certo, aposentada desde os tempos de Gutenberg... A impressão, feita página por página, exigia dois operadores: um munido de pequeno rolo, passava a tinta na página apertada contra a rama, enquanto o outro colocava o papel e descia a alavanca. Com isso, a tiragem de 300 exemplares – quantidade a que ficou reduzida à vista das devoluções – demandava mil e duzentas prensagens, ou seja, pelo menos meio dia de serviço. (HOLZMANN, 2004, p. 267-268).

Os textos de maior alcance ficavam restritos aos editoriais. Redigido pelo redator-chefe, que muitas vezes era o mesmo diretor do jornal, como o caso de Hugo dos Reis, José Cadilhe e José Hoffmann, os textos traziam informações comentadas, opiniões, críticas e especiais educativos. Era principalmente nesse espaço que os jornalistas entravam no campo de disputas sociais, alicerçando-se na palavra escrita para a construção de realidades cotidianas. Perrinchelli (1997, p. 37) afirma que o *Diário dos Campos* constrói uma realidade social junto ao imaginário coletivo no momento em que sugere um modo de interpretar e vivenciar os acontecimentos e fatos sociais.

Se o destacamento policial desta cidade não dispõe de um número de praças suficiente para um serviço de policiamento completo da cidade, é justo que o sr Commissario reclame-o de quem de direito, mas não nos deixe exposto ao perigo dos tiroteios que se houve em todos os recantos da cidade e muitas vezes, até, no próprio centro da cidade são tiros disparados, como se estivéssemos vivendo em um deserto (DUTRA, 1910, p. 1.).

O Diário cobrava do poder público providência quanto

a problemas com o calçamento das ruas, com o saneamento básico, energia elétrica, higiene, etc. O argumento usado era que uma cidade que quer gozar do status de “Cidade Civilizada” não poderia conviver com tais situações. O texto do Diário dos Campos de 05 de dezembro de 1921 traz a cobrança do jornal pela falta de água à população e critica a prefeitura que privilegiava um industrial da cidade.

E' horrível a falta de água na cidade. Como ja dissemos, as torneiras gottejam pingo a pingo tal como si fossem chagas doloridas.

Um chafariz, que existia á rua Cel Claudio, esquina Engenheiro Schamber, foi demolido pela prefeitura. Era ali que a pobreza se abastecia de agua.

Já não existe mais aquelle providencial chafariz...

No entretanto, dizem pelas esquinas que as fabricas so snr Kluppel são servidas por grossos canos directos, que despejam abundantemente o liquido precioso nas industrias do felizardo protegido. [...] (CADILHE, 1921, p. 1).

Muitos desses editoriais atraíam adversários ao jornal. Figuras políticas e de importância social atingidas pelas críticas de O Progresso e do Diário dos Campos procuravam maneiras de contra-atacar, muitas vezes criando jornais com posicionamentos diferentes. Em determinados momentos, os ataques não se resumiam às palavras passando à atitude física direta. Como, por exemplo, quando um grupo de capangas, liderados por políticos da região surrou os redatores e danificou os equipamentos do jornal. O fato causou revolta de grande parte da cidade, que saiu em defesa da folha.

O Progresso já era incorporado como integrante da sociedade da época. O periódico alimentava ainda um discurso que encontrava ecos em muitos setores da sociedade ponta-grossense, sob a forma de apoio ou de combate.

5 Discussão

Acordos e disputas de bastidores, bem como a participação do jornalismo na construção de uma realidade social, não eram marcas exclusivas do jornalismo de Ponta Grossa. Lima Barreto (em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*), por exemplo, retrata como os jornalistas do início do século XX articulavam-se junto às elites para disseminar a importância da reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro. Eram as chamadas “Reformas Higienistas” de 1904 que afastaram as classes mais baixas e os locais onde se multiplicava a ociosidade do centro da Capital.

Conforme Beatriz Rezende, citada por Marocco (2004, p. 47), Barreto denunciou a posição coercitiva do Estado, que apelava para o discurso da higiene e do Progresso para impor a ordem e controlar os indivíduos com o aval da ‘ciência’ e adesão de intelectuais que faziam a defesa do Estado.

Em 19 de julho de 1888, dois meses depois da abolição, foi apreciado na Câmara dos Deputados um

projeto de “Repressão à Ociosidade”, elaborado pelo ministro Ferreira Viana. O objetivo era transformar o caráter da sociedade brasileira, exaltando o trabalho em liberdade como sinal de um povo “civilizado”. Concomitante à valorização do trabalho, visava-se a acabar com a vadiagem, a ociosidade, a embriaguez, a prostituição, declarando tais atos como empecilhos para o “progresso” de uma sociedade.

Na verdade, não é somente na imigração estrangeira que devem fundar-se as esperanças patrióticas de todos aqueles que desejam, pelo aumento da produção nacional, o florescimento da agricultura, da indústria, do comércio, a prosperidade do Brasil. A efetiva aplicação de braços ociosos, refratários ao trabalho, e a repressão de tendências à vadiagem, a mendicidade e a ocupações desonestas são outras tantas medidas que podem contribuir de modo eficaz ao desenvolvimento da sociedade. (MAROCCO, 2004, p. 51-52).

Segundo Marocco (2004, p. 50), os jornalistas assumiam o papel desses intelectuais. Com o privilégio da escrita, buscavam criar um ambiente propício para que o projeto do Estado tomasse corpo:

Com isso, o jornalismo acompanharia o comportamento do estado brasileiro que, insistindo na necessidade de reprimir a ociosidade, pretendia impor uma nova ordem produtiva moralista através do trabalho e da celebração retórica do seu poder regenerador, o que atendia à demanda urgente por mão-de-obra barata da nascente indústria nacional.

Entretanto, não se pode afirmar que houve qualquer acordo tácito em todo o território nacional entre os jornalistas e o Estado. O acordo era com o projeto “civilizatório” e não apenas (ou propriamente) com o Estado. A urbanidade e o progresso industrial e comercial foram os terrenos em que a imprensa moderna surgiu e se desenvolveu. Além disso, a valorização do trabalho, o combate à ociosidade e a crença no progresso eram discursos em voga em todo mundo ocidental no final do século XIX. Os jornalistas transferem esses discursos de apelo mundial para anseios locais. A repressão à ociosidade assume ecos que muitos intelectuais e jornalistas do Brasil tomaram como bandeira. Esses discursos jornalísticos encontravam no povo a sua justificativa, tendo por lema a defesa dos interesses sociais, incorporando a imprensa como corpo vital para a sociedade do “progresso”. A edição inaugural do jornal da comunidade maçônica de Ponta Grossa, *Luz Essênica*, ilustra bem esse discurso com a declaração de Vitor Hugo sobre a imprensa:

É a força porque é a inteligência. É o clarim vivo da humanidade toca à alvorada dos povos, anunciando em voz alta o reinado do Direito. Não conta com a noite se não para o fim dela saudar a aurora; advinha o dia adverte o mundo. A imprensa é a santa e imensa locomotiva que leva a humanidade para a terra de Canã, – a terra futura de onde não haverá, em torno de nós, senão irmãos e por cima de nós, o céu. A imprensa é a voz do mundo, é o espantinho do traidor e do covarde.

De todos os círculos, de todos os esplendores do espírito humano, o mais largo é a imprensa; o seu diâmetro, é próprio diâmetro da Civilização. Falar, escrever, imprimir e publicar, são círculos sucessivos à inteligência ativa; são as ondas sonoras do pensamento. Luz Essênica, 05 de fevereiro de 1905. (PILOTTO, 1973, p. 2).

Em outros momentos, o acordo era entre as elites locais e o jornal. Não era do agrado dos intelectuais, pensadores, industriais e comerciantes que a cidade apresentasse bolsões de pobreza explícitas em sua urbanidade, nem que a ociosidade fosse celebrada em detrimento do trabalho. O que se pregava era uma sociedade civilizada, voltada para as artes e para as ciências, com uma população minimamente escolarizada e que pudesse desempenhar os serviços necessários para a nascente sociedade industrial do Brasil.

A imprensa ponta-grossense acompanha essa tendência do jornalismo brasileiro, representando as mudanças de um município que se urbanizava e que almejava destaque no cenário político e econômico do Paraná.

Ponta Grossa era uma vila que cresceu rapidamente a partir da instalação das ferrovias na cidade em 1893. Muitos imigrantes, migrantes, pessoas de todos os lugares do Brasil, escravos recém-libertos, artistas, tropeiros, operários, pessoas de diferentes concepções políticas, e toda uma variedade cultural que descia pelos vagões da Estação Ferroviária e vinha constituir moradia na cidade. Muitos grupos criavam jornais para expressar suas idéias, vender elogios à cidade, potencializar a cultura ou criticar o governo vigente por meio das páginas impressas.

O desenvolvimento comercial, industrial e econômico de Ponta Grossa, e o avanço social que dele emanou, desde que nas suas extensas campinas começou a ecoar o silvo fomentador, da locomotiva, impunham-se a evidente necessidade de fundar aqui um órgão de imprensa, que condignamente a representasse no belo concerto da sociedade brasileira, e que fosse, ao mesmo tempo, o mais ativo, o mais conveniente e proveitoso propugnador da sua causa, que é a causa do Progresso, da Liberdade, da Justiça, da Civilização, enfim; que é a causa de todos os povos cultos, de todos, os que trabalham intimamente agridoados pela idéia do futuro; e dos que pela estrada ampla do Direito, desejam multiplicar o seu coeficiente social”. “Onde quer que a conduta rotineira, a velharia, o preconceito residam, lá estaremos, de lança em riste, prontos a combatê-los, pela forma mais consentânea com a índole do jornal, sem que a honra e a dignidade de cada um saiam conspurcadas, da luta, e, pelo contrário, e modo que vencidos e vencedores, tendo por lema a verdade, se dêem fraternalmente as mãos, para a vitória da nossa, que é afinal a causa de todos”. *Gazeta dos Campos*, 16 de abril de 1899. (PILOTTO, 1973, p. 2).

Esse crescimento trazia em seu bojo problemas, pois a urbanização rápida trouxe a uma pacata vila problemas com a higiene, a criminalidade, a mendicidade

e a ociosidade. Os jornais que surgiam em Ponta Grossa se preocupavam com o desenvolvimento de uma cidade civilizada, voltada para os valores morais, que respeitassem a “vontade conjunta” de assistir ao progresso. Os jornais apresentavam os problemas sob a perspectiva de uma sociedade superior, com o forus de “Cidade Civilizada”.

Se não fora as tristes conseqüências de factos registrados, diariamente, no Commissariado de polícia desta cidade não viríamos reclamar, em nome da civilização e da moralidade de um povo contra o que se pratica, com o maior desassombro e petulancia, como se muito natural fosse esse modo de proceder.

Há momentos em que os foros de cidade civilizada, de que gosa a fulgorante Estrela dos Campos Gerais, deixa de ser o privilégio de um povo adiantado e culto. Não que ele concorra no seu todo para que seja empanado o brilho desse astro; mas porque uma parte diminuta, embora, da sociedade, inimiga do próprio progresso, se opõe que a civilização caminhe á sua luz. Essa parte da sociedade que impede o desenvolvimento das cousas uteis e provaveis é a força bruta, animalizada, inconsciente de espirito, cheios de manifestações frisantes e tendentes a pequenez dos actos.

Faltara a essa parte uma educação, moral bem equilibrada. (DUTRA, 1910, p. 1).

A maioria das folhas lançadas na primeira metade do século XX mostrava que a imprensa assumia a função social de educar, de pregar valores, de plantar idéias. Ao mesmo tempo, os jornais estendiam o holofote vigilante sobre tudo o que pudesse “atrapalhar” o caminho da “Princesa dos Campos”. O jornal *Campos Geraes*, no seu primeiro número, mostrava a que veio:

Ave, pois, “Campos Geraes”! Desenvolve-te para dar ensinamento aos que te lerem, dando-lhes boas doutrinas; combatendo os vícios, estigmatizando o que for contrário à moral, aos bons costumes, defendendo os fracos contra a opressão dos fortes; elevando a virtude; glorificando o bem; tudo, sem atender considerações outras que não sejam o amor à verdade, o penhor da justiça. Onde se achar o erro, meta-se o escalpelo da crítica, combate-se fazendo surgir a verdade”. “Que em tuas colunas jamais se derrame o fel dos insultos soezas, das investidas objetas. Que as penas que escreverem para as tuas colunas sejam dirigidas por cavalheiros nobres, que saibam, ao torçar armas de combate, respeitar a dignidade do seu contrário, como se fora a sua própria.

SURREXITI Aleluia! Campos Geraes, 07 de julho de 1900. (PILOTTO, 1973, p. 2).

Pode-se usar, como exemplo, o posicionamento do jornal como representante da cidade frente ao embate do Paraná contra os sertanejos seguidores do monge José Maria. No final de 1912, Ponta Grossa e o estado do Paraná participam ativamente da chamada “Guerra do Contestado”.

O *Progresso*, de 17 de outubro de 1912, traz a descrição de Juca Ruivo, correspondente do jornal

curitibano *Diário da Tarde* em Palmeira, sobre o monge José Maria. Ruivo destaca em seu relato pontos pitorescos e sensacionais da pessoa de José Maria. Destaca ainda a afirmação do monge de que poderia dar combate a mil homens.

José Maria Côrtes de Agostinho, intitulado curandeiro é um tipo indiatico de 45 a 50 annos, estatura media, cabellos corridos e compridos; usa bonet de couro de jaguatirica, enfeitado com penacho e fitas. No seu acampamento logar denominado Taquarussú, municipio de Coritibanos, estado de Santa Catharina, José Maria montado em um bonito cavallo, de espada desembainhada, acompanhado por 300 fanaticos, inclusive mulheres e creanças, proclamou a monarchia sendo aclamado imperador o velho octogenario Fullano Rossa Assumpção I; creou a guarda do novo imperio composto de 24 fanaticos, com a denominação 12 pares de França. (RUIVO, 1912, p. 1).

Uma semana depois acontece o combate entre as forças policiais do estado e o exército de José Maria. O resultado da batalha foi a derrota da polícia estadual, com a morte do comandante João Gualberto e de vários homens. Por outro lado, o monge também caiu no combate.

O *Progresso* toma a derrota do Irany (localidade da cidade de Palmas onde aconteceu o conflito militar) como uma afronta ao povo do Paraná e ao povo “civilizado” de Ponta Grossa. O jornal anuncia comícios na rua XV de Novembro para debate público sobre a ação que a cidade iria tomar em relação aos sertanejos. O jornal trazia ainda o nome de jovens pontagrossenses voluntários a tomar corpo nas forças estaduais.

Convida-se a população de Ponta Grossa para um comicio amanhã ás 8 horas da noite, em frente ao Theatro Recreio.

O Estado do Paraná com as suas forças vencidas pelas hordas de fanaticos, ou indivíduos suspeitos, precisa levantar-se em peso, para bater-se pela sua liberdade e pela sua civilização ameaçada.

A morte dos primeiros patriotas que tombaram em defesa do Estado, férem fundo o coração paranaense e todos unidos pelo perigo commum, precisamos prestigiar a ação das auctoridades constituídas.

REIS, 1912b, p. 1).

As edições do final de 1912 traziam toda a mobilização militar dos paranaenses para combater os rebeldes. Percebe-se que, em nenhum momento, Hugo dos Reis, ou qualquer um dos repórteres de *O Progresso* e demais jornais, mostravam porque aquelas pessoas lutavam ou o que tinha acontecido para tantas seguirem o monge¹. Num artigo intitulado “Professorado Ambulante”, Hugo dos Reis dá uma receita “civilizada” para o problema:

Os rudes homens da sub-raça nacional perpetuam nas mysticas florestas os ritos desfigurados de passadas religiões, resurgindo nesta epocha plena

¹ O exército sertanejo era composto, em sua maioria, por pessoas pobres, expulsas de suas casas por causa da construção das linhas férreas e da exploração madeireira.

de luz a rachitica ideia religiosa dos fetiches africanos, com o seu cortejo de manipanços, sortilegios e feitiços ridículos, ou a mais evoluída superstição dos nossos silvicolos com os seus pajes consultando a soberba voz trovejante do grande Anhangá. Melhor era para nós, e para elles, que a espalhafatosa catechese do selvagem, com muito mais effeitos scenicos que resultado practicos, e por isso, boa idéia mal executada, se annexasse esta outra, de maior alcance social, quanto mais facil: – a catechese do caboclo.
(REIS, 1912b, p. 1).

Essa participação ativa na formação de uma “opinião pública” pode ser ilustrada ainda pelas campanhas empreendidas pelos jornais. O texto “Os Mandamentos da Hygiene” ilustra essa participação. Nota-se que a importância dada à higiene e à saúde do indivíduo era, primeiramente, uma imposição social.

1) Cuida da tua saude. A saude do cidadão não lhe pertence, pertence á sociedade, cuja prosperidade e força se fazem da saude de todos. O individuo deve tudo fazer para conservar-se um estado de fornecer a parte da actividade, de prestar os serviços que a sociedade tem o direito de exigir delle.
(IMPRESA MÉDICA, 1910, p. 1).

Outro exemplo desse engajamento pela sociedade moderna, pelo progresso foi o combate empreendido pelos jornalistas de Ponta Grossa contra a ociosidade e, por conseguinte, como defensor da classe operária. Essa defesa do operário é um sinal oportuno para mostrar que os jornais tinham certa independência, pois se posicionavam a favor dos trabalhadores, pelo progresso da terra, contra a ociosidade e a vadiagem e, nesses momentos, contra as empresas que exploravam e o Estado que não garantia os direitos trabalhistas. Na greve nacional dos operários em 1917, Hugo dos Reis, então diretor do jornal, coloca o *Diário dos Campos* à disposição dos operários e, como presidente benemérito da Sociedade Operária, encaminha um telegrama ao presidente da República com as principais reivindicações dos trabalhadores. Nota-se que os princípios que norteiam o combate à prostituição, aos bares, ao jogo também estão entre os pedidos dos trabalhadores.

Ponta Grossa, 21 – Excellentissimo Presidente República, Rio. Mil Operários greve esta cidade pedem intervenção esta sociedade jornal “Diario dos Campos” junto Congresso Nacional influa decretação seguintes leis Republicanas: - Primeiro – Dias oito horas trabalho semana ingleza; Segundo – Leis prohibindo trabalho menores mulheres menos vinte e um anos; Terceiro – Leis Motepio Operarios concorrendo patrões, Governo União, operarios um terço cada; Quatro – Leis estabelecendo seguros contra accidentes mortes trabalhadores serviços; Quinto – Leis regulamentando a prostituição; Sexta – Leis coercitivas uso álcool; Sétimo – Leis contra trusts açambarcamento mercadorias; Oitavo – Escolas Noturnas operariado, jardins infancia menores operarios; Nono – Execusão leis contra jogo. Vossa Excellencia prestigiando estas leis collocará Brasil mesmo pé adiantamento maiores nações mundo ante as quaes nossa patria està lamentável inferioridade falta encarar energia Questões Sociais

problemas economicos – politico – sociaes.
(REIS, 1917, p. 1).

Apesar dessa independência, o combate a certos cidadãos muitas vezes agregava-se às políticas nacionais. Segundo Chaves (2001, p 44):

nota-se o esforço do Diário dos Campos, sob o comando de José Hoffmann (entre os anos de 1931 e 1962), no que diz respeito à aproximação de seu público leitor a determinadas idéias, instituições ou acontecimentos, como por exemplo, a Igreja Católica, a ordem republicana, a obediência civil, a civilidade e o progresso, etc.

Exemplo claro desse posicionamento foi a que o *Diário dos Campos* desenvolveu em relação aos integralistas de Ponta Grossa.

Ao mesmo tempo que apregoam que o “verdadeiro integralista tem o dever de respeitar e acatar todas autoridades constituídas sejam quais forem as suas deliberações”; ao mesmo tempo que apregoam isso, para uso externo, os chefes integralistas afrontam, desrespeitam, achincalham e procuram diminuir os representantes do poder público...

Diário dos Campos. Ponta Grossa, 20 de Março de 1937. (CHAVES, 2001, p. 114).

Pouco mais de um mês depois, volta a abordar o assunto:

Eis a nossa maneira de pensar. E eis aí por que, em linguagem elevada nos embarafustar pelo caminho das retaliações pessoais, temos procurado defender a Democracia.

É essa a explicação que julgamos de nosso dever dar aos integralistas de conduta elevada da cidade, cujas opiniões, si bem que contrárias às nossas, não farão jamais com que procuremos obumbrar os seus méritos.

Diário dos Campos. Ponta Grossa, 27 de Abril de 1937. (CHAVES, 2001, p. 113).

O que se veicula não conta apenas com a influência da hegemonia política, mas também do leitor e principalmente no interesse do jornal. Havia muitos pontagrossenses simpáticos ao integralismo, especialmente os descendentes de imigrantes alemães.

Hoffmann articulava suas proposições de forma a convencer a opinião pública que o Integralismo não era para os brasileiros. Usava a religião, o exemplo nazista, apresentava os integralistas como a antítese do bom cidadão. Chaves (2001, p. 124-128) aponta que, ao usar a posição contrária da Igreja Católica, o *Diário dos Campos* acabou pondo em cheque a postura de inúmeros católicos pontagrossenses que apoiavam o Integralismo. O poder do jornalismo se apresenta na “forma” de convencimento. Hoffmann tenta, através do jornal, resgatar valores religiosos para convencer os cidadãos a não tomarem parte do Integralismo:

Os chefes integralistas procuram astutamente, fazer crer, aqui no Paraná e em outros Estados, onde o catholicismo representa a maioria esmagadora, que a sua doutrina é recommendada pela Igreja e por seus emminentes antistes. Fazem-no, é bem de ver, para

grangear adeptos. Poucos não foram os catholicos pontagrossenses que, imbuídos em sua boa fé, prestaram, levados por essa propaganda selerte, o juramento de fiel obediência a um homem, o iniciador do fascismo crioulo [...].

Ao mesmo tempo que assim agem no Paraná e em outras unidades da Federação, os próceres integralistas não escondem sua solidariedade à Hitler, que é protestante e perseguidor do catholicismo. (HOFFMANN, 1937, p. 1).

Matérias com essa posição de convencimento e de construção do imaginário coletivo são verificadas sob diversos temas, como a posição dos indigentes na cidade, dos criminosos, dos movimentos políticos, sociais, religiosos e culturais.

Esses apontamentos ilustram como os jornais de Ponta Grossa classificavam os fatos, recortavam a realidade, lançavam seus holofotes sobre todos os homens que ousavam não seguir à risca algumas regras sociais. O objetivo era formar um homem apto e uma comunidade ideal, para o progresso e para a nascente sociedade industrial que florescia na cidade.

Referências

- BURKE, P. (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.
- CADILHE, J. Falta de água. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 5 dez. 1921.
- CHAVES, N. B. *A Cidade Civilizada: discursos e representações sociais no Jornal Diário do Campos – Década de 1930*. Curitiba: Ed. Quatro Ventos, 2001.
- CRUZ, H. de F. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890/1915*. São Paulo: EDUC/Imprensa Oficial, 2000.
- DUTRA, J. O policiamento da cidade. *O Progresso*, Ponta Grossa, p. 1, 4 jan. 1910.
- FERNANDES, J. C. *Das colinas do Pitangui*. Ponta Grossa: Ed. Gráfica Planeta, 2003.
- FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GADINI, S. L. *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação; 8).
- HOFFMANN, J. Catholicos, não vos deixeis imbuir! *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 18 mar. 1937.
- HOLZMANN, E. *Cinco histórias convergentes*. 2. ed. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2004.
- IMPRESA MÉDICA. Os mandamentos da hygiene. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 13 jan. 1910.
- LIMA BARRETO. *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/ autores/limabarreto/isaias/isaias.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2005.
- MAROCCO, B. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2004.
- MARTINS, A. R. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854-1907*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- MOREY, M. Prefácio. In: MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2004.
- PERRINCHELLI, A. *Nuances do jornalismo cultural em Ponta Grossa: uma análise a partir do Diário dos Campos*. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.
- PILOTTO, V. Ideais de ontem da cidade sempre jovem. Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentenário do Decreto nº. 15 que criou a freguesia, 1973.
- REIS, H. dos. Canudos do Sul. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 24 out. 1912a.
- _____. Professorado ambulante. *O Progresso*, Ponta Grossa, p. 1, 5 nov. 1912b.
- _____. A greve dos operários em Ponta Grossa. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 21 jul. 1917.
- RUIVO, J. O monge José Maria. *O Progresso*, Ponta Grossa, p. 1, 17 out. 1912.

Felipe Simão Pontes*

Discente do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

e-mail: <felipe271184@yahoo.com.br>

Sérgio Luiz Gadini

Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS)
Docente do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

e-mail: <sergiogadini@yahoo.com.br>

*** Endereço para correspondência:**

Rua Orquídea, 82, Santa Terezinha – CEP 84060 080 – Ponta
Grossa, Paraná, Brasil.
